



O POSICIONAMENTO DISCURSIVO FEMINISTA NA TRADUÇÃO: ESCOLHAS TRADUTÓRIAS EM NOSSOS CORPOS POR NÓS MESMAS

THE FEMINIST DISCOURSE POSITIONING IN TRANSLATION: TRANSLATION CHOICES IN NOSSOS CORPOS POR NÓS MESMAS

Laura Silva Dulci¹
Manuel Veronez²

Resumo: O objetivo deste trabalho é buscar analisar o posicionamento discursivo feminista na tradução do livro *Our bodies ourselves – OBOS* (1971) para o português brasileiro, intitulado *Nossos corpos por nós mesmas* (2021). Fundamentamos esta pesquisa nas teorias da Tradução Feminista (Flotow, 1991; Castro, 2017; Castro e Ergun, 2020) e da Análise do Discurso de linha francesa (Maingueneau, 1998, 2008). Analisamos os trechos apresentados por Medeiros (2023), no original e na tradução, com o intuito de verificar a possibilidade de legitimação do posicionamento feminista presente na obra traduzida. Acreditamos que este trabalho possa contribuir para uma maior proximidade e relação das áreas dos Estudos da Tradução e da Análise do Discurso. Por fim, percebemos que a tradução do livro, como um todo, tende a seguir um posicionamento que podemos considerar feminista, buscando soluções não normatizadas, como o uso marcado do feminino ou de expressões mais “neutras”, ainda que haja oscilações no padrão.

Palavras-chave: Tradução Feminista; Posicionamento Discursivo; OBOS.

Abstract: The aim of this work is to try and analyse the feminist discourse positioning in the translation of the book *Our bodies ourselves – OBOS* (1971) into Brazilian Portuguese, as *Nossos corpos por nós mesmas* (2021). We based this research in the Feminist Translation Theories (Flotow, 1991; Castro, 2017; Castro e Ergun, 2020) and in the French Discourse Analysis (Maingueneau, 1998, 2008). We analyzed selected parts presented by Medeiros (2023), in the original and the translation, to verify the possibility of legitimation from the feminist positioning in the translated work. We believe this paper may contribute for a stronger proximity and relation between the fields of Translation Studies and Discourse Analysis. Lastly, we noticed that the book translation, as a whole, usually follows a positioning we can consider feminist, looking for non-normalized solutions, such as the use of the feminine and more “neutral” expressions, even though there are some oscillations in the pattern.

Keywords: Feminist Translation; Discourse Positioning; OBOS.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo³ visa analisar o funcionamento do posicionamento discursivo feminista no interior da prática discursiva de tradução para o português brasileiro da obra

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia, UFU/CAPES, Uberlândia, MG, Brasil. lsdulci@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3874-9194>

² Professor do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG, Divinópolis, MG, Brasil. veronezmanuel@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8777-9859>

³ Agradecemos a disponibilidade e as contribuições dos pareceristas.

Our bodies ourselves - OBOS (1971), escrita pelo coletivo *Boston Collective* — *The Boston Women's Health Book Collective*. Com o título *Nossos corpos por nós mesmas* (2021), a tradução em português foi produzida a partir de uma parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), além de contar com a participação de pesquisadoras e profissionais da saúde da USP e do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde⁴. A versão brasileira trata de assuntos como sexo seguro, aborto, questões LGBTQIAP+, violências contra a mulher, entre outros.

Segundo Livia Cremonese Domingos (2019, p.12), a pesquisa voltada para o posicionamento discursivo do tradutor dentro de um determinado campo discursivo é um ângulo que ainda não é muito explorado quando intercalamos os Estudos da Tradução e a Análise do Discurso, mesmo que recentemente tenha ganhado uma maior atenção de estudiosos. Além disso, a autora também afirma que a noção de posicionamento “é um fator condicionante fundamental subjacente às escolhas tradutórias e tomadas de decisão do tradutor”.

Podemos dizer que essa afirmativa tem uma ligação direta com a Tradução Feminista, visto que Olga Castro (2017, p. 222) a define como uma “corrente de trabalho e pensamento que defende a incorporação da ideologia feminista à tradução pela necessidade de articular novas vias de expressão para dismantelar a carga patriarcal da linguagem e da sociedade”. Soma-se a isso, como veremos mais adiante, um conceito-chave dentro da Tradução Feminista, o da ideologia, que Domingos (2019) afirma estar frequentemente presente nos estudos que relacionam os campos da Análise do Discurso e dos Estudos da Tradução.

Domingos (2019) sinaliza sobre a necessidade de mais pesquisas entre os campos dos Estudos da Tradução e da Análise do Discurso (AD), principalmente a partir do quadro teórico-metodológico de Dominique Maingueneau (2008). Acreditamos que toda interdisciplinaridade é bem-vinda, ainda mais quando focamos na Tradução Feminista, um campo ainda pouco discutido fora de sua bolha de pesquisadoras abertamente feministas. Logo, pretendemos contribuir para os diálogos entre os campos, tendo em vista a importância da Tradução para o Movimento Feminista e suas ramificações, além de também reconhecer que a AD tem muito a contribuir para esse processo, pois, de acordo com o campo da AD, as escolhas tradutórias em questão se dão a partir do posicionamento discursivo específico dos sujeitos tradutores, que estão restritos semanticamente às formações discursivas em que estão inscritos.

Fundamentamos teoricamente este trabalho a partir do conceito de Tradução Feminista apresentado por Louise von Flotow (1991), Olga Castro (2017) e Olga Castro e Emek Ergun (2020), e partimos também das noções de posicionamento⁵ e sistema de restrições semânticas globais propostas por Dominique Maingueneau (1998, 2008). Ademais, consultamos Liz Coutinho Teixeira (2021) e Raphael Ferreroni Paula Noronha Medeiros (2023) — ambos participantes do processo tradutório da obra *Nossos corpos por nós mesmas* (2021) — para um entendimento mais profundo da tradução do livro, e Nesrine Bessaïh e Anna Bogic (2020) para compreender a constituição e a legitimação das condições sócio-históricas de produção e do processo de formulação da obra original.

Como recorte para a análise, são utilizados os excertos previamente selecionados por Medeiros (2023), visto que o autor apresenta não apenas a versão traduzida, como também o trecho do texto original. Em sua pesquisa, Medeiros (2023, p.24) chama seu

⁴ Essas informações estão disponíveis no site: www.nossoscorpos.com.br.

⁵ Optamos pelo uso do termo “posicionamento” em detrimento de “formação discursiva” levando em consideração a escolha do próprio autor no prefácio da versão em português brasileiro de *Gênese dos discursos* (2008).

corpus de “um banco de exemplos de decisões feitas pelas equipes de tradução e adaptação” da obra *Nossos corpos por nós mesmas* (2021), e não se trata de uma seleção “enviesada de exemplos favoráveis” (Medeiros, 2023, p.24). O autor ainda afirma que foram incluídos exemplos em que seria possível o uso de uma linguagem mais inclusiva, mas que seu objetivo é apresentar que no processo da tradução coletiva da obra, não houve o uso de estratégias de tradução homogêneas nas equipes, ocasionando possíveis deslizos ou escolhas deliberadas dos participantes.

Acreditamos que a análise dos trechos selecionados proporciona a visualização da constituição e da legitimação do posicionamento feminista no momento da realização da prática discursiva da tradução, não apenas pelo contexto de produção e proposta social da obra original, como também do projeto de tradução da versão para o português brasileiro, que não apenas mobilizou equipes de duas universidades públicas — a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) —, como também do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde⁶. Dessa forma, propomos contribuir para o diálogo entre os campos dos Estudos da Tradução e da Análise do Discurso, buscando um maior foco nas questões feministas e de gênero.

Por fim, é importante ressaltar que, embora relacionemos nosso artigo com o campo disciplinar da Tradução Feminista, optamos por *posicionamento feminista da tradução* — em vez de *posicionamento da Tradução Feminista* — o tratamento das escolhas tradutórias feitas nos trechos aqui analisados. Isso se deu por entendermos que, apesar de ser possível uma leitura do caráter feminista da tradução, não podemos generalizar todo o projeto, e consequentemente, suas participantes⁷, como abertamente tradutoras feministas, já que a tradução feminista é, sobretudo, um campo no qual as pessoas fazem escolhas visando, essencialmente, o desmantelamento da carga patriarcal da linguagem. Essas escolhas são conscientes e reafirmam a ideologia de suas tradutoras (Castro, 2017), e não podemos afirmar que todas as participantes do projeto fizeram essa escolha. Logo, essa leitura não pode ser feita a partir, apenas, do *corpus* selecionado para esta pesquisa.

2. A TRADUÇÃO FEMINISTA

Castro e Ergun (2017, p.1) definem a Tradução Feminista como uma “força substancial e uma forma de ativismo⁸” e sua formação tem início com a escola canadense de Tradução Feminista, que surge no Quebec nas décadas de 1970 e 1980, como o resultado do encontro entre os Estudos da Tradução e os Estudos de Gênero. Castro (2017) afirma que, apesar de críticas e eventuais reformulações, essa escola segue sendo o paradigma do encontro entre Feminismos e Tradução.

A escola canadense se destaca não por ser a primeira organização de mulheres tradutoras, mas por ser a primeira a se reconhecer enquanto feminista. Surgindo de um diálogo anglo-francês — a princípio concentrado apenas dentro do Canadá — com o objetivo de refletir sobre questões ideológicas e culturais, as tradutoras canadenses escreviam contra convenções misóginas da linguagem patriarcal, ao mesmo tempo em que buscavam construir uma cultura literária feminista franco-inglesa.

⁶ Essas informações podem ser encontradas no site: <https://obosbrasil.com/projeto>.

⁷ Optamos por utilizar “as participantes”, e outras palavras marcadas no feminino, ao longo do texto não como uma forma de exclusão masculina, mas como um direcionamento para o grupo que é maioria dentro dos Estudos da Tradução Feminista.

⁸ Tradução nossa a partir do original: “*a substantial force and form of activism*” (Castro e Ergun, 2017, p.1).

As canadenses contribuíram, especialmente, para uma nova forma crítica e consciente de se pensar o processo tradutório, refletindo sobre os elementos do texto de partida com base também em suas experiências sociais e culturais, o que, além de contribuir para o debate sobre a visibilidade da tradutora e do tradutor, acaba também quebrando a crença — segundo alguns autores e teorias da Tradução —, de que um texto, para ter uma “boa” tradução, deve ser traduzido sem nenhuma interferência externa, no caso, nenhuma interferência por parte desta/deste profissional (Esqueda, 1999).

O campo da Tradução Feminista tem passado nos últimos anos por uma reformulação, na tentativa de expandir o debate para além do norte global, o que tem sido comumente identificado como transnacionalidade da Tradução Feminista. Esse movimento busca se basear na pluralidade e diversidade das mulheres e de suas experiências, acarretando, portanto, diferentes formas de se traduzir o feminino. Com isso, vemos o aparecimento de um maior número de pesquisas voltadas para a relação entre Tradução e Gênero na América Latina e no Oriente Médio, por exemplo (Castro e Ergun, 2017).

Percebemos, então, a importância do aumento de trabalhos e de interesse na área, e em diversas outras também ligadas ao conceito de gênero ou sobre as mulheres. Nos últimos anos, observamos um certo aumento de pesquisas, graças em grande parte ao Movimento Feminista como um todo e sua relação com diferentes campos, como a Tradução, a Linguística e a Análise do Discurso.

Quando tratamos de Tradução Feminista, não podemos deixar de falar de ideologia. Castro (2017) argumenta que a não escolha por uma ideologia significa aderir à ideologia dominante, o que no nosso caso, em se tratando de tradução, significa aderir à ideologia patriarcal. Consequentemente, posicionar-se contra a ideologia dominante nas traduções é uma das formas que as tradutoras têm para lutar contra o domínio patriarcal na linguagem propriamente dita e na sociedade. Em relação ao domínio patriarcal na linguagem, Daniel Antônio de Sousa Alves (2022, p.229) afirma que:

Em diferentes línguas é possível observar uma associação de formas gramaticais no masculino a uma característica de pretensa abrangência e de neutralidade — ao passo que formas no feminino tendem a ser associadas a usos restritos, marcados e/ou utilizadas apenas em contextos específicos. Simpson (1993) destaca como a estrutura patriarcal das sociedades pressupõe e constrói uma relação hierárquica na qual o masculino é colocado em posição superior ao feminino e relações são construídas colocando valores associados ao homem como centrais e desejáveis, em contraposição aos valores associados à mulher, colocados como periféricos e com conotações negativas.

Flotow (1991, p.74) apresenta em seu texto três estratégias através das quais a tradutora pode romper a invisibilidade da profissão e deixar seu posicionamento evidente durante o processo tradutório. São elas: “*supplementing*⁹”; “*prefacing*¹⁰ and *footnoting*¹¹”; e “*hijacking*¹²”. De forma resumida, a primeira busca compensar diferenças entre as línguas de origem e de chegada; a segunda faz uso de notas de rodapé e prefácios para possibilitar a inserção da tradutora no texto; e a terceira pode ser usada para “sequestrar” o texto original e traduzi-lo de uma forma mais livre e menos presa ao texto fonte.

⁹ Segundo definição do Dicionário Cambridge (2024), algo que é acrescentado a alguma coisa com o objetivo de melhorar ou complementar.

¹⁰ Segundo definição do Dicionário Cambridge (2024), é o ato de escrever um prefácio.

¹¹ Segundo definição do Dicionário Cambridge (2024), é o ato de elaborar uma nota de rodapé ao final da página.

¹² Segundo definição do Dicionário Cambridge (2024), o uso de força para tomar o controle de uma aeronave, veículo ou outro meio de transporte.

Na próxima seção, apresentaremos as condições sócio-históricas de produção da obra traduzida *Nossos corpos por nós mesmas* (2021), seguida da seção de análise do corpus selecionado.

3. NOSSOS CORPOS POR NÓS MESMAS E SUA PRODUÇÃO BRASILEIRA

Até meados do século XX, as mulheres não faziam parte das discussões referentes à saúde, fossem elas profissionais ou como pesquisadoras. Bessaïh e Bogic (2020) apontam como a maioria da literatura médica sobre saúde reprodutiva e sexual da mulher — área voltada para questões como menstruação; menopausa; aborto; sexualidade e relacionamentos — tem, tradicionalmente, sido escrita por homens, o que consequentemente relegou às mulheres os papéis exclusivos como mães e esposas.

Esse cenário começa a sofrer mudanças quando surgem críticas de cunho feminista ao discurso médico vigente, abrindo assim o espaço para um maior diálogo sobre saúde sexual e reprodutiva. Durante as décadas de 1960 e 1970 — em plena Segunda Onda do Movimento Feminista —, as mulheres passaram a “reapropriar seus corpos e sua saúde sexual ao compartilharem, abertamente, suas experiências em grupos voltados para promover a conscientização¹³” dessas mulheres (Bessaïh e Bogic, 2020, p.519). Esses grupos buscavam desconstruir o conhecimento patriarcal da medicina da época e desenvolver um conhecimento coletivo que fosse baseado nas experiências das mulheres.

Contextualizando, a Segunda Onda do Movimento Feminista, de acordo com Sarah Gamble (2006), ocorre durante as décadas de 1960 e 1970, partindo do trabalho de escritoras como Simone de Beauvoir e Betty Friedan. A segunda onda pode ser compreendida como uma consequência da primeira — também conhecida como Sufrágio — em uma busca por conquistas mais coletivas, como questões voltadas para a sexualidade e reprodutividade feminina. É importante ressaltar que a Segunda Onda é criticada por se tratar de um grupo de mulheres muito específico: mulheres brancas, de classe média, cis, heterossexuais e do norte ocidental. Com a evolução do movimento, os feminismos foram expandindo em direção à compreensão de que as mulheres eram um grupo heterogêneo com demandas diferentes. Como exemplo, podemos pensar nos feminismos negro e lésbico.

Emek Ergun (2008, p.308) explica que é a partir deste movimento que se passou a dar uma maior importância para a linguagem, considerada então uma ferramenta de opressão, através da qual o patriarcado criava e sustentava uma realidade sócio-discursiva que fazia com que as mulheres experenciassem o mundo através de uma linguagem “*man-made*” (criada pelo homem). Logo, a língua foi tomada como uma “instituição dominada pelo homem”, que “reforçava desigualdades de gênero ao construir (ou distorcer) a realidade a partir da perspectiva masculina”, ao mesmo tempo que “legitimava e naturalizava a normatividade masculina por estruturas, formas e usos lexicais, gramaticais e sintáticos¹⁴”.

Os então chamados grupos de autoajuda foram originalmente desenvolvidos dentro do contexto estadunidense do Movimento de Libertação das Mulheres e baseavam-se na noção de que as

¹³ Tradução nossa a partir do original: “*reappropriated their bodies and their sexual health by openly sharing their experiences in consciousness-raising groups.*” (Bessaïh e Bogic, 2020, p.519).

¹⁴ Tradução nossa a partir do original: “*Conceptualized as a male-dominated institution, language was argued to maintain and reinforce gender inequalities by constructing (and distorting) reality from the male perspective and by legitimizing and naturalizing male normativity through lexical, grammatical, and syntactical structures, forms, and usages*”. (Ergun, 2008, p. 308)

mulheres deveriam explorar os próprios corpos e sexualidades e essa libertação deveria ser encontrada em uma nova relação com seus corpos.¹⁵ (Bessaïh e Bogic, 2020, p. 519).

As mulheres se reuniam nesses grupos para trocarem experiências e histórias pessoais, o que acabou gerando um conhecido slogan da década de 1960: “*The personal is political*” (O pessoal é político). É dentro desse movimento de troca que surge a base de uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais e as instituições médicas da época. A posição, então, era a de aceitação de avanços tecnológicos e aparelhos que melhorassem a vida das mulheres, contanto que “seus impactos físicos, psicológicos, sociais e ideológicos” fossem devidamente analisados (Bessaïh e Bogic, 2020, p. 519).

As autoras, Bessaïh e Bogic (2020), citam um exemplo extremamente importante para ilustrar a diferença entre uma medicina que leve em conta ou não as experiências individuais das mulheres: o uso de pílulas anticoncepcionais. Ainda que funcione como uma forma de a mulher tomar o controle sobre sua fertilidade, a pílula é apresentada como uma opção segura e sem grandes efeitos colaterais, o que acabou sendo refutado com os relatos pessoais de diversas mulheres que sofreram efeitos graves com seu uso. Como consequência, o mercado farmacêutico foi obrigado a investir em outras opções que fossem mais seguras para as usuárias.

É nesse contexto que surge a obra *Our bodies ourselves* (OBOS) produzida a partir do movimento pela saúde sexual e reprodutiva da mulher, pelo doravante intitulado *Boston Collective — The Boston Women’s Health Book Collective* —, a princípio, um pequeno grupo de mulheres em busca de melhorias e reformulações da medicina da época. O livro reunia relatos individuais e de conhecimento biomédico, com o objetivo de apresentar informações para as mulheres sobre seus corpos e sua saúde. OBOS rapidamente se tornou um *best-seller*, vendendo mais de 200 mil cópias nas primeiras semanas e contabilizando mais de 4,5 milhões de cópias até hoje¹⁶. Além disso, o livro já foi traduzido para mais de 30 línguas (Bessaïh e Bogic, 2020).

Bessaïh e Bogic (2020) explicam como as diversas traduções da obra proporcionaram uma plataforma onde ativistas que tivessem envolvimento com tradução pudessem lançar mão de sua capacidade criativa para manipular o texto a partir de suas experiências sociais, políticas e culturais. Esse movimento permitiu que o texto circulasse, adaptando-se a diferentes contextos, e com isso ganhando novos significados e acréscimos de informações importantes em cada localidade.

A tradução brasileira, explica Medeiros (2023, p.3), procurou estratégias “para superar as dificuldades linguísticas impostas pela maneira como as línguas portuguesa e inglesa diferem quanto à marcação de gênero gramatical”, além de também haver uma preocupação com o “uso de uma linguagem inclusiva quanto a identidades sexuais e de gênero diversas”.

Teixeira (2021) acrescenta que além da tradução para o português brasileiro, adaptou-se também o texto à realidade brasileira, por ser relativamente distinta da realidade dos Estados Unidos, país de origem da obra. Um exemplo que ilustra perfeitamente essa questão é a existência, no Brasil, do Sistema Único de Saúde (SUS), que não possui um equivalente nos EUA.

¹⁵ Tradução nossa a partir do original: “*The so-called self-help groups were originally developed within the context of the American women’s liberation movement and were based on the notion that women should explore their own bodies and sexuality, and that liberation was to be found in a new relationship to the body*”. (Bessaïh e Bogic, 2020, p. 519).

¹⁶ De acordo com Cerineu, Ferenzini e Pimentel (2021), a obra segue sendo atualizada e a tradução para o português brasileiro foi feita a partir da nona edição do livro, produzida em 2011.

Considerando essa diferença, foi necessário adaptar o conteúdo do livro sobre acesso a tratamentos, pois, afinal, ao contrário do que acontece nos EUA, todo cidadão brasileiro tem direito à saúde pública. Somado a isso, surgiu a necessidade de adaptar estatísticas, recomendações de leituras, sites, grupos de apoio e disque-denúncia, pois o OBOS, além de tratar de assuntos sobre a saúde e o corpo da mulher, trata de assuntos como violência à mulher, questões de gênero e assuntos considerados ainda tabus no Brasil. (Teixeira, 2021, p.12)

Uma das principais decisões tomadas na produção da versão brasileira, afirma Teixeira (2021, p.13), foi buscar uma linguagem não só feminista e menos sexista, como também inclusiva. Com isso, o masculino como generalizante foi evitado, por vezes através de palavras mais “neutras”, como “pessoas”, e por vezes optando-se abertamente pelo feminino, quando havia a necessidade de se marcar o gênero. Como exemplo, a autora usa “médica obstetra”, ilustrando a opção tradutória para algumas profissões voltadas diretamente para as mulheres. O objetivo, desse modo, era “visibilizar linguisticamente as mulheres, eliminar os estereótipos impostos culturalmente e reconhecer as diversas posições sociais que as mulheres podem ter”.

4. O POSICIONAMENTO FEMINISTA NA TRADUÇÃO DA OBRA NOSSOS CORPOS POR NÓS MESMAS

4.1 Imbricamento entre Tradução, Feminismos e Análise do Discurso

Nossa pesquisa e nossas análises serão norteadas pelas noções de posicionamento e sistemas de restrições semânticas globais propostas por Maingueneau (1995, 1998, 2008) em seu quadro teórico-metodológico. Dessa maneira, de acordo com Maingueneau (1998, p. 110), no livro *Termos-chave da análise do discurso*, posicionamento apresenta dois sentidos: i) “ato pelo qual uma formação discursiva posiciona-se em um campo discursivo, emerge, marcando sua identidade com relação a outras”; e ii) “a própria formação discursiva, considerada como identidade num interdiscurso”.

Para o autor francês, esses dois sentidos são inerentes, pois o primado do interdiscurso (Cf. Maingueneau, 2008) requer que a identidade de uma determinada formação discursiva possa ser um processo de incessante redefinição de relações para com diferentes outras formações discursivas. Ademais, Maingueneau (1995) também afirma que a noção de posicionamento está relacionada a uma dupla compreensão do sentido de “posição”, na qual poderia ter o sentido de uma tomada de posição ou o sentido de um estabelecimento de uma determinada posição, como: a posição da esquerda; a posição militar; a posição feminista etc., o que marcaria, nesse sentido, a relação entre identidades discursivas e embates interdiscursivos.

Em relação à noção de sistema de restrições semânticas globais, Maingueneau (2008) afirma pretender delimitar os agentes de individuação, os quais seriam uma espécie de filtro semântico que estabelece as especificações de determinados textos, os fazendo diferir, por exemplo, do conjunto de textos possíveis pertencentes a uma dada formação discursiva distinta. Dessa forma, o autor francês destaca que o termo “globais” desse sistema de restrições semânticas significa um restringimento simultâneo da totalidade dos planos discursivos, a saber: o vocabulário, a temática, a intertextualidade, as esferas de enunciação etc.

De acordo com Maingueneau (2008, p. 22):

Trata-se, com isso, de libertar-nos de uma problemática do signo, ou mesmo da sentença, para apreender o dinamismo da “significância” que domina toda a discursividade: o enunciado, mas

também a enunciação, e mesmo além dela, como se verá. Recusamos a ideia de que há, no interior do funcionamento discursivo, um lugar onde sua especificidade se condensaria de maneira exclusiva ou mesmo privilegiada (as palavras, as frases, os arranjos argumentativos etc.). O que leva a recolocar o princípio de sua disseminação sobre os múltiplos planos do discurso. Não há mais, então, lugar para uma oposição entre “superfície” e “profundeza”, que reservaria apenas para a profundidade o domínio de validade das restrições semânticas.

Complementando, Magali Garcia Almeida (2022, p.14) disserta sobre o sistema de restrições semânticas proposto por Maingueneau (2008), que seria, segundo ela, o sistema que “regula o que pode ser dito a partir de um determinado discurso, devendo o enunciador ser capaz de reconhecer os enunciados pertencentes a sua formação discursiva”, além de também ser capaz de “reproduzi-los de maneira adequada”. Além disso, a autora complementa seu raciocínio ao dizer que uma outra hipótese seria a de que esse sistema de restrições teria o controle do discurso e funcionaria como uma “rede de restrições”.

Dessa forma, levando em consideração que a língua portuguesa marca os gêneros gramaticais masculino e feminino, e não possui o gênero gramatical neutro — como em outras línguas, como o alemão —, usando, assim, o gênero gramatical no masculino como termo generalizante e o gênero gramatical no feminino como termo marcante, percebemos que esta língua está, em certa medida, condicionada por uma rede de restrições semânticas estabelecidas pelo posicionamento, dominante no campo, da gramática normativa padrão, o que acaba atingindo, dada as devidas proporções, todas as áreas que fazem uso da língua portuguesa e de sua forma específica de linguagem.

Para ilustrar nosso ponto — ainda que o exemplo seja sobre o francês — citamos a palestra intitulada *Feminist/Gender-aware Translation and Translation Studies: Evolving toward the ‘Transnational’*¹⁷, apresentada por Flotow (2022), que cita a frase “*dix femmes et un cochon sont descendus*”¹⁸, em que o particípio passado do verbo *descendre*, “*descendus*”, concorda, no interior do *passé composé* mobilizado, em número tanto com as mulheres quanto com o porco, mas em gênero apenas com o porco (o gênero gramatical masculino em questão). Levando mão desse exemplo, Flotow questiona o uso indiscriminado do masculino como generalizante do plural, o que acaba fazendo um “porco” ter mais presença em uma frase do que dez mulheres.

Domingos (2019, p. 22) afirma que, dentro dos Estudos da Tradução, “nenhuma das modalidades de investigação atuais (...) assumem o tradutor como um sujeito-discursivo, condicionado por sua condição sócio-histórica de produção enunciativa e produção de sentidos”, o que acaba ocorrendo é que “assumem o pressuposto de que o tradutor é um sujeito empírico, que está no controle do seu dizer”.

A motivação da escola canadense de Tradução Feminista surge justamente contra essa conceitualização, como aponta Flotow (1991) ao definir a Tradução Feminista como o resultado do trabalho experimental de mulheres no Quebec inseridas em um contexto específico — cultural, ideológico e social —, que lança mão de técnicas e teorias voltadas para criar a base do que era traduzido. Ou seja, o posicionamento feminista em que essas mulheres se inscrevem, buscando legitimar e constituir suas identidades discursivas no interior do campo discursivo da tradução, influenciou fortemente seus processos tradutórios, desde a escolha do que e de quem traduzir, até a maneira como se daria essa tradução. A expansão do campo para além do eixo anglo-americano, ou norte global, reafirmou que a escolha pela ideologia feminista acarretaria, eventualmente, mudanças reais no texto traduzido.

¹⁷ A palestra fez parte da programação da 40ª Semana do Tradutor da UNESP e está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=VCAnwjG3I-c>

¹⁸ Tradução nossa: “Dez mulheres e um porco desceram”.

Ao criarem uma relação com a literatura feminista, que busca desconstruir conceitos negativos em relação ao corpo das mulheres — como sua objetificação, domesticação e vilanização —, e textos voltados para a saúde da mulher, que também contestam a ideia do corpo feminino enquanto um objeto do conhecimento médico, Bessaïh e Bogic (2020) afirmam que há um movimento para se construir um discurso no qual a mulher é um agente ativo e produtor de conhecimento.

Por fim, de modo geral, retomando Maingueneau (2008, p.20), o autor afirma que o discurso seria “um conjunto de enunciados na medida em que eles decorram da mesma formação discursiva”. Logo, procuraremos observar nas análises, a seguir, se o processo de enunciação da tradução do livro *Nossos corpos por nós mesmas* (2023) permite evidenciar o funcionamento do posicionamento feminista. Nesse sentido, nos guiaremos pela seguinte questão: de que modo o processo enunciativo da prática discursiva da tradução do referido livro pode legitimar e constituir o posicionamento discursivo feminista?

4.2 Análise

Nossa primeira análise parte da página 4 do texto original e da página 29 da versão brasileira. O capítulo se intitula *Nossos corpos femininos: anatomia sexual, reprodução e o ciclo menstrual*.

Quadro 1.

Original	Tradução
<i>The following descriptions will be much clearer if you look at your genitals with a hand mirror while you read the text and look at the diagrams. Make sure you have enough time and privacy to feel relaxed. Try squatting on the floor and putting the mirror between your feet [...]</i>	As descrições a seguir serão muito mais claras se você unir a teoria com a prática. Uma sugestão interessante é você acompanhar o texto e as imagens que representam seu corpo olhando os seus órgãos genitais com a ajuda de um espelho portátil. Muitas de nós não conhecem suas "partes íntimas", mas é muito importante que a gente saiba como elas são para podermos nos entender e identificar alterações que podem precisar de atenção médica. Vamos fazer esse exercício de autoconhecimento juntas? Antes de tudo, é importante que você escolha um lugar em que tenha privacidade e tempo suficiente para se sentir relaxada. Em seguida, você pode se agachar e colocar o espelho entre seus pés [...]

Fonte: Elaborado pelos autores

A primeira coisa que conseguimos perceber na tradução é que o texto ficou bem mais extenso do que o original. Após uma leitura mais atenta do trecho, podemos observar uma tentativa de maior aproximação com a leitora na versão brasileira. Caberia, inclusive, argumentar que ocorre no processo de enunciação da tradução desse excerto uma construção de uma cenografia¹⁹ que se distancia da rotina genérica do livro em questão,

¹⁹ Segundo Dominique Maingueneau (2015, p. 123), “A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar”.

que Maingueneau (2015) denomina de cenografia exógena, pois esse trecho, por exemplo, deixa de ser um guia explicativo e passa a encenar uma conversa íntima entre amigas, evidenciada na frase seguinte: “vamos fazer esse exercício de autoconhecimento juntas?”.

Percebemos que o original não faz nenhuma especificação de gênero, inclusive em relação à palavra “*genitals*”. Logo, a escolha tradutória de usar o gênero feminino em “juntas”; “relaxada”; “muitas de nós”, apresenta uma marca semântica específica e de funcionamento do posicionamento feminista ao direcionar o discurso às mulheres, independente de regras normativas.

Nossa segunda análise parte das páginas 52 e 106, respectivamente. O capítulo se intitula *Imagem Corporal*.

Quadro 2.

Original	Tradução
<i>A recent study of college students found that among those who had repeatedly used tanning beds, approximately one-third met an addiction standard, meaning they exhibited dependency the same way others are dependent on alcohol and drugs: They missed class or other activities to tan, felt guilty about tanning too much, and were unable to cut down on indoor tanning time.</i>	Um estudo recente com universitárias descobriu que, entre aquelas que fizeram uso da câmara de bronzeamento, aproximadamente um terço mostra um padrão de dependência, o que significa que elas exibiram um comportamento parecido com o de pessoas dependentes de álcool e drogas: elas faltaram a aulas ou a outras atividades para se bronzear, se sentiram culpadas por se bronzear demais e não conseguiram reduzir o tempo de bronzeamento artificial.

Fonte: Elaborado pelos autores

Este trecho também apresenta uma escolha singular no momento da tradução do texto. As tradutoras optaram traduzir “*college students*”, que não possui nenhuma marcação de gênero, por “universitárias”. Logo, o feminino passa a ser o generalizante do enunciado, e conduz assim todas as marcações do trecho. Medeiros (2023) ressalta que o estudo citado no trecho acima possuía participantes do sexo masculino. Nesse sentido, mais uma vez percebemos o funcionamento discursivo do posicionamento feminista que, a partir do seu sistema de restrições semânticas globais, optaram por manter o feminino, mas não num sentido de exclusão, e sim num sentido de construção de um direcionamento.

A terceira análise parte das páginas 58 e 116, respectivamente, do mesmo capítulo do quadro 2.

Quadro 3.

Original	Tradução
<i>Importantly, experts say that perceived sexual enhancement as a result of genital reconstruction may be attributed in part to the psychological reaction to the surgery.</i>	É importante ressaltar as informações dos especialistas, que dizem que o aumento da satisfação sexual percebido como resultado da reconstrução genital pode ser atribuído em parte à reação psicológica.

Fonte: Elaborado pelos autores

Em contrapartida, este trecho, pertencente ao mesmo capítulo que o anterior, traduz “*experts*” como “dos especialistas”, levando mão do uso do masculino como

generalizante no português. Medeiros (2023, p.26) apresenta essa questão, mas decide interpretar a escolha como um “deslize”, segundo as palavras do próprio autor, que inclusive sugere opções que não marcariam nem um gênero nem outro, como “de especialistas”, visto que a palavra de maior importância, “especialistas”, não se altera de um gênero para o outro.

É importante ressaltar que, como aponta Medeiros (2023), o ocorrido pode ter sido consequência da tradução de uma pessoa menos compromissada com o posicionamento feminista, visto que a tradução do livro se deu através de segmentos distribuídos para diversas pessoas. Infelizmente, apenas a partir do texto e sem um *corpus* comparativo — como explicamos anteriormente, apresentando a distinção entre indivíduo e sujeito do discurso —, não podemos dizer ao certo os motivos da escolha, mas ressaltamos que, ainda que a tradutora tenha liberdade em seu processo tradutório, ela deve seguir as restrições impostas pelo texto-fonte.

Entretanto, mesmo sem saber tais motivos, esse trecho nos permite pensar que o suposto deslize na prática discursiva da tradução aqui analisada é uma possível característica heterogênea do posicionamento feminista, pois, no interior do campo da tradução em que ela se inscreve e busca sua efetivação de inscrição, ora seria possível aferir que o posicionamento em questão pode apresentar sentidos que se aproximam do posicionamento da tradução tradicional, que considera a norma culta padrão da língua como referência, ora seria possível aferir que o posicionamento segue à risca as práticas discursivas específicas impostas pelo sistema de restrições semânticas do posicionamento feminista da tradução em questão.

Isso é possível de ocorrer, desse modo, de acordo com Maingueneau (2008, p. 34 e 35), porque “uma hierarquia instável opõe discursos dominantes e dominados e todos eles não se situam necessariamente no mesmo plano. Não é possível, pois, determinar *a priori* as modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo”. Nesse sentido, não se pode afirmar que um determinado discurso se legitime e se constitua da mesma maneira que os outros discursos desse mesmo campo.

Nossa próxima análise parte das páginas 204 e 148, respectivamente. O capítulo se intitula *Métodos contraceptivos*.

Quadro 4.

Original	Tradução
<i>We can begin the process of talking with our male partners about birth control, encouraging them to share the responsibility with us. We can join together across state and national boundaries to insist that legislatures, courts, high schools, churches, parents, doctors, research projects, clinics, and drug companies change their practices [...]</i>	Para isso, podemos começar o processo conversando com a pessoa com a qual nos relacionamos, encorajando-a a compartilhar as responsabilidades conosco. Em seguida, podemos nos unir, ultrapassando fronteiras estaduais e nacionais, para reivindicar que legislaturas, tribunais, escolas, igrejas, mães, pais, médicas, médicos, projetos de pesquisa, clínicas e empresas farmacêuticas alterem suas práticas [...]

Fonte: Elaborado pelos autores

Percebemos na tradução deste trecho uma maior preocupação com a diversidade de gêneros, optando traduzir “*male partners*” por “pessoa com a qual nos relacionamos”, visto que métodos contraceptivos são usados em grande parte dentro de relacionamentos entre homens e mulheres heterossexuais, mas percebendo também a gama de identidades de gênero que podem coexistir no interior dessa escolha tradutória para o português.

Outra opção tradutória que chama a atenção é a ramificação de “*parents*” em “mães e pais”, e “*doctors*” em “médicas e médicos”. Como já dito anteriormente, a língua portuguesa tem como regra o uso do gênero gramatical masculino como generalizante, logo, caso “*parents*” fosse traduzido como “pais”, estaria gramaticalmente correto. No entanto, abriria espaço para uma interpretação ambígua em que o enunciador/tradutor poderia tratar a escolha tradutória “pais” como tendo um sentido de um pai e uma mãe, mas também tendo um sentido de um conjunto de mais de um pai.

Concluimos, então, que a escolha tradutória por “mães e pais” foi uma saída tradutória possível e legítima encontrada pelo posicionamento feminista no momento da tradução via as restrições semânticas e a formações discursivas que a circundam, inclusive porque poderia gerar, em certa medida, ambiguidade apenas o uso de “mães” — possivelmente até mais do que apenas o uso de “pais”. Acrescentamos ainda que caberia uma argumentação sobre o papel masculino na criação dos filhos, que recai em grande parte sobre a mulher, ao especificar claramente que ambos, mães e pais, fazem parte do grupo citado.

Nossa próxima análise parte das páginas 265 e 241, respectivamente. O capítulo se intitula *Sexo mais seguro*.

Quadro 5.

Original	Tradução
<i>Male condoms, used on the penis during vaginal and anal intercourse and oral sex, are the most accessible and best-known barrier protection. When used consistently and correctly, male condoms are highly effective in preventing STIs.</i>	Optamos por chamar camisinhas penianas e vaginais nesse livro como forma de respeitar a diversidade de gênero. As camisinhas penianas, usadas no pênis durante penetração vaginal, anal e sexo oral, são as barreiras de proteção mais acessíveis e conhecidas. Podem ser utilizadas por homens cis, mulheres trans que não realizaram cirurgia de redesignação sexual, pessoas não binárias e <i>queer</i> . Quando usadas de forma sistemática e correta, as camisinhas penianas são muito eficazes na prevenção de IST.

Fonte: Elaborado pelos autores

Neste trecho, ao invés de lançar mão de uma nota de rodapé ou uma explicação entre parênteses, a tradutora opta por deixar no correr do texto a justificativa para sua opção tradutória. Medeiros (2023) inclusive sugere que foi usada a prática “*hijacking*” (Von Flotow, 1991) na tradução de “*male condoms*”, o que levou a uma detalhada argumentação da parte da tradutora.

Acreditamos que, no interior do trecho recortado dessa enunciação, além da constituição e legitimação do posicionamento feminista na tradução, podemos perceber também uma possível constituição e legitimação do posicionamento LGBTQ+, voltado principalmente para questões de diversidade de gênero. O tom do trecho também é diferente do original, que parte de uma explicação direta sobre o uso da camisinha, mas que se transforma em toda uma justificativa detalhada das escolhas tradutórias na versão em português.

Supomos, nesse momento, que aqui se trata de uma possível concorrência (Cf. Maingueneau, 2008) entre as formações discursivas da Tradução Feminista e do grupo

LGBT+ no interior do campo discursivo da tradução. Segundo o autor francês, essa concorrência se dá de forma extensiva, podendo ser um confronto direto, uma aliança, uma suposta neutralidade etc. Dessa forma, para a nossa contingência de trabalho, percebemos que, entre Tradução Feminista e Tradução Queer, há uma certa concorrência de aliança, ao se constituírem e se legitimarem nos aspectos em comum da diversidade de gênero.

Nossa próxima análise parte das páginas 329 e 272, respectivamente. O capítulo se intitula *Aborto*.

Quadro 6.

Original	Tradução
<i>Before starting the procedure, the clinician will perform a pelvic exam to check the size and position of your uterus.</i>	Antes de iniciar o procedimento, a médica irá realizar um exame pélvico para verificar o tamanho e a posição do seu útero.

Fonte: Elaborado pelos autores

Nesse trecho do enunciado, o posicionamento feminista da tradução busca se legitimar e se constituir por meio da escolha de traduzir “*the clinician*” por “a médica”, visto que não há nenhuma informação que leve a crer que a profissional é uma mulher. Logo, foi uma escolha semanticamente possível da tradutora, ao traduzir destacando o gênero feminino. Uma outra alternativa seria o uso em conjunto, como no quadro 4, no entanto, como aponta Medeiros (2023, p.28), “a utilização repetida de alternativas mais compridas poderiam prejudicar a leitura”, além de tornar o texto cansativo, deixando-o, assim, menos atrativo para a leitora, o que iria contra seu propósito semântico, restrito pelo seu posicionamento específico.

Nossa última análise parte das páginas 731 e 336, respectivamente. O capítulo se intitula *Saúde ambiental e das trabalhadoras*.

Quadro 7.

Original	Tradução
<i>Community activists, researchers, and advocates from the fields of science and health are calling for the increased use of a new kind of risk paradigm [...]</i>	Pessoas que são ativistas comunitárias, pesquisadoras e representantes dos campos da ciência e da saúde defendem o uso de um novo paradigma de risco [...]

Fonte: Elaborado pelos autores

A tradutora opta, neste trecho, por uma solução menos comprometedora, o uso de “pessoas”. O restante da frase passa a concordar, como se observa, no gênero feminino, sem, entretanto, abertamente reivindicar para si o posicionamento que seria típico da Tradução Feminista: a tradutora, por exemplo, poderia mobilizar a escolha tradutória para apenas “ativistas comunitárias”. A solução “pessoas” não deixa de ser válida, seja por uma tentativa de evitar denominações “extremistas”, seja como uma forma de agregar um maior número de interlocutores. No entanto, quebra-se um pouco o ritmo semântico de trechos anteriores.

Medeiros (2023, p.29) aponta que este capítulo aparenta ser o que menos possui escolhas com a linguagem feminista, “uma vez que este trecho e o título são os exemplos mais significativos do seu uso”. O autor também cita que, assim como observamos no quadro 3, “*workers*”, por exemplo, que aparece no título em inglês desse capítulo, é comumente traduzido como “trabalhador ou trabalhadores”, construindo, em certa

medida, uma espécie de contradição semântica do posicionamento feminista reivindicado pela tradução até então.

Medeiros sugere que pode ter ocorrido um “desencontro de ideias” entre os departamentos de tradução e revisão, ou ainda que “consideraram que a temática do capítulo não necessitava uma aproximação do universo feminino”. Tal sugestão, no entanto, parece não legitimar e constituir o quadro semântico específico do posicionamento feminista da tradução, pois pode reforçar estereótipos de gênero, como a separação de homens e mulheres entre o trabalho remunerado e o trabalho da casa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo pretendeu analisar o funcionamento do posicionamento discursivo feminista a partir da tradução para o português brasileiro da obra *Our bodies ourselves - OBOS* (1971), *Nossos corpos por nós mesmas* (2023). Procuramos verificar nas análises se o processo de enunciação da tradução do livro em questão permitia evidenciar o funcionamento do posicionamento feminista. Dessa maneira, nos guiamos pela seguinte questão: de que modo o processo enunciativo da prática discursiva de tradução do referido livro permite legitimar e constituir o posicionamento discursivo feminista da tradução? A seguir, apresentamos algumas respostas possíveis a essa indagação, após as análises realizadas na pesquisa.

Enquanto resultados, especificamente sobre nossas análises realizadas no item 4.2 deste artigo, temos que, de uma maneira geral, a partir dos trechos analisados, a prática discursiva da tradução para o português da obra *Nossos corpos por nós mesmas* (2023) apresentou uma certa regularidade no que concerne ao sistema de restrições semânticas globais do posicionamento feminista. Percebemos, desse modo, que a mobilização das escolhas tradutórias evidenciadas buscou produzir os seguintes efeitos: direcionar o discurso às mulheres, independente de regras normativas; e buscar não excluir os gêneros, mas atribuir direcionamentos.

No entanto, observamos também algumas exceções. Percebemos, através de nossa análise, que as escolhas que destoavam do posicionamento típico da Tradução Feminista poderiam facilmente ser atribuídas a deslizos, descon siderações por parte das equipes de tradução, ou vícios de linguagem, como no caso apresentado nos quadros 3 e 7. Tal possibilidade de deslize, oscilações, descon siderações ou vício de linguagem nos fez perceber a provável característica heterogênea do posicionamento feminista da tradução, pois há momentos em que: parece se aproximar do posicionamento da tradução tradicional (que leva em consideração a norma culta padrão da língua); parece se aproximar do próprio posicionamento da Tradução Feminista reivindicado; e até mesmo parece se distanciar completamente do posicionamento da Tradução Feminista, reforçando estereótipos. Logo, podemos perceber, que apenas o fato de se propor uma tradução mais inclusiva e posicionada ideologicamente, não soluciona todas as questões que possam surgir no interior do processo tradutório.

Outro resultado de nossas análises foi que a não marcação no feminino dos gêneros gramaticais e sim o uso do substantivo comum de dois gêneros, em algumas partes do enunciado, também se mostrou como uma solução tradutória possível a ser mobilizada no interior do posicionamento feminista da tradução, como observado no quadro 4. Por fim, constatamos também a mobilização de termos “neutros” que permitiam que a prática discursiva da tradução “fugisse”, de certa forma, da responsabilidade de optar ou não por uma escolha tradutória que construísse um sentido estritamente feminista, como no quadro 7.

Nossa conclusão é de que a Tradução Feminista parece ainda não estar estabelecida enquanto prática no Brasil, a partir da análise do *corpus* selecionado. Diversas vezes percebe-se uma certa estranheza ou ambiguidade, em relação ao senso comum de uma sociedade tradicionalmente patriarcal, com o uso de termos marcados no feminino, além de abrir caminho para argumentos como o de um uso “forçado” do gênero ou o de exclusão masculina. Como há o posicionamento feminista no interior do campo discursivo da tradução, acreditamos que as análises realizadas neste trabalho justifiquem com evidência a necessidade de uma maior atenção do campo dos Estudos da Tradução com a Tradução Feminista, além de um maior número de pesquisas e estudos voltados para o campo e suas possíveis interfaces, como a da Análise do Discurso.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Magali Garcia et al. **A construção do posicionamento antifeminista**: interincompreensão e construção de simulacros. 2022. Dissertação (Mestrado em estudos linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.
- ALVES, Daniel Antônio de Sousa. Ideologia dos outros: sobre ideologias subjacentes e sobre o processo decisório por trás da construção de traduções. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 25, n. 1, 2022. <https://doi.org/10.15210/RLE.V25I1.22174>.
- BESSAÏH, Nesrine; BOGIC, Anna. Translating feminist texts on women’s sexual and reproductive health. In: VON FLOTOW, Luise; KAMAL, Hala (org.). **The Routledge Handbook of Translation, Feminism and Gender**. Nova York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2020.
- CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS & ASSESSMENT. **Cambridge Dictionary**. Cambridge, 2024. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/>. Acesso em: 16 fev. 2024.
- CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda? Tradução de Beatriz Regina Guimarães Barboza. **TradTerm**, São Paulo, v.29, p. 216-250, jul. 2017. Disponível em: https://publications.aston.ac.uk/id/eprint/31469/1/_Re_examinando_horizontes.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.
- CASTRO, Olga; ERGUN, Emek (Org.). **Feminist translation studies**: local and transnational perspectives. Nova York: Routledge, 2017.
- CERINEU, Camila; FERENZINI, Láis; PIMENTEL, Janine. Traduzindo o feminismo em Nossos corpos por nós mesmas. **Revista Indisciplina em Linguística Aplicada**, v. 2, n. 1, p. 13, 2021.
- Conferência 1 — Prof. Dra. Luise Von Flotow. Semana do Tradutor. UNESP: 2022. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VCAnwjG3I-c>. Acesso em: 3 jun. 2023.
- COLETIVO FEMINISTA SEXUALIDADE E SAÚDE. **Nossos corpos por nós mesmas**. São Paulo: Casa Literária, 2022.
- DOMINGOS, Livia Cremonez. **A problemática da semântica discursiva em processos de tradução**: análise discursiva de duas traduções do poema *The Raven*, de Edgar Allan Poe. 2019. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2019.709>. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30014>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- ERGUN, Emek. Bridging across feminist translation and sociolinguistics. **Language and Linguistics Compass**, v. 4, n. 5, p. 307-318, 2010. Disponível em: <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1749-818X.2010.00208.x>. Acesso em: 24 mai. 2023.
- ESQUEDA, Marileide Dias. Teorias de tradução e a questão da ética. **Mimesis**, Bauru, v. 20, n. 1, p. 49-55, 1999. Disponível em: <https://encr.pw/7hldp>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- FLOTOW, Luise von. *Feminist translation: contexts, practices and theories*. **TTR: traduction, terminologie, rédaction**, v. 4, n. 2, p. 69-84, 1991.
- GAMBLE, Sarah (org.). **The Routledge companion to feminism and postfeminism**. Londres: Routledge, 2006.
- GARCIA, Carla. Cristina. **Breve História do Feminismo**. Editora Claridade: São Paulo, 2018.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade**. Tradução de Marina Appenzeller. 1.ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Tradução Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MEDEIROS, Raphael Ferreroni Paula Noronha. **Nossos corpos por nós mesmas**: desafios a uma tradução feminista de *Our Bodies, Ourselves*. 2023. Trabalho de conclusão de curso (graduação) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2023.
- TEIXEIRA, Lis Coutinho. **Nossos corpos, por nós mesmas**: linguagem inclusiva e o processo de tradução e adaptação do livro *Our bodies, ourselves*. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Recebido: 5/5/2024
Aceito: 5/5/2025
Publicado: 12/9/2025